

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS EDUCANDOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA

Taiane de Sousa Silva; Tays de Sousa Santos; Edileide de Souza Godoi

Universidade Federal da Paraíba
taiane.letras@gmail.com
tayssousa95@gmail.com
edileidegodoi17@gmail.com

Resumo

A pesquisa realizada tem o objetivo de propor reflexões sobre o ensino de língua portuguesa e a relação professor- aluno de forma dialógica. Pensamos a sala de aula como espaço de interação, em que ideias devem ser compartilhadas e discutidas, pois a sala de aula deve contemplar as vozes dos personagens principais do processo, os educandos, esses que tem muito com o que contribuir e devem ser incentivados e instigados a se posicionarem. No entanto, ainda é frequente o silêncio como aliado dos educadores, esses que exigem disciplina e esquecem-se que estamos lidando com uma fase da vida que requer dinamicidade. Utilizamos como referenciais teóricos as ideias de Paulo Freire (2014), Irlandé Antunes (2009), Rubem Alves (2014) e Maria Ester Vieira de Sousa (2002) para consistir a análise proposta na pesquisa. Realizamos a aplicação de questionários para alunos do ensino médio numa escola estadual situada na cidade de Santa Rita/PB. Foi perceptível verificar as lacunas encontradas na sala de aula, e também a importância do papel da escola diante das transformações sociais. Percebemos a necessidade e importância da interação entre os educandos, pois as práticas pedagógicas pouco promovem o diálogo, no entanto inviabilizam a possibilidade de participação dos educandos. Os alunos sabem do seu espaço na sala de aula, mas ainda falta a ação efetiva do professor para que promova o diálogo. O ensino da língua através de metodologias que façam sentido e provoquem o interesse no prazer pela leitura, no ensino de gramática e na produção textual, possibilitando de fato o ensino e aprendizagem.

Palavras - chave: Língua Portuguesa; Diálogo; Participação.

Introdução

Muito se tem discutido sobre o ensino de língua portuguesa nas escolas públicas brasileiras, possibilitando uma série de reflexões sobre essa temática, apontam-se culpados, mas é necessário analisar em sua totalidade a conjuntura de “acertos” e “erros” dos envolvidos, sejam os profissionais da área educacional, âmbito familiar ou políticas públicas. Dessa forma, podemos indagar como os protagonistas ficam diante dessa realidade. O professor busca possibilidades para tentar contornar as imprevisibilidades que surgem no cotidiano da sala de aula? Diante desse questionamento observamos as incógnitas a serem esclarecidas e contornadas.

A importância da participação do educando é crucial na formação e no desenvolvimento do sujeito ativo para desempenhar os seus

deveres e direitos na sociedade. Nas pesquisas e debates os especialistas discorrem sobre essa problemática, mas não obtiveram soluções ou resultados que ao menos amenizassem o disparate e a segregação a qual está sendo fortalecida nas escolas. Não podemos generalizar, mas devemos reconhecer que a maioria das práticas ainda são baseadas em uma abordagem tradicionalista.

Sabemos que ao participar estamos nos colocando diante das situações, ou seja, é um exercício de autonomia. Dessa forma, a prática pedagógica deve proporcionar meios para a construção da percepção crítica sobre as vivências sociais. No entanto, percebemos que as atividades proporcionadas pela escola não contribuem para uma efetiva participação dos educandos, pois os mesmos são encarados apenas como espectadores do próprio processo de escolarização, ao invés de protagonistas.

Segundo Antunes (2003, p.171), o professor de português precisa ter competência suficiente para que lhe confira à autonomia necessária a condução do seu trabalho.

Essa autonomia deixaria o professor em condições de, mesmo utilizando o material didático tradicional, fazer um trabalho crítico, diferenciado e comunicativamente relevante, isto é, deixaria o professor em condições de superar os limites desse material de apoio ou das ingênuas, infundidas e preconceituosas observações dos entendidos improvisados da pedagogia 'linguística'. Dessa forma, portanto o professor deixaria de ser a figura subserviente que cumpre programas e adota procedimentos só porque estão nos livros ou estão conforme a opinião dos outros.

Desse modo, a autonomia do professor, de alguma forma, também implica a autonomia do aluno. Assim, pensando em toda essa problemática objetivamos para esse trabalho propor algumas reflexões sobre o ensino de língua portuguesa e a relação professor-aluno a partir de uma perspectiva dialógico, interacional.

Através das leituras de Antunes (2009), Sousa (2002) e Freire (2014) percebemos que a não participação dos educandos na sala de aula ocorre pela ausência de propostas pedagógicas interacionais. Diante dessa realidade nos preocupamos em apontar a participação dos educandos como fator fundamental para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, pois não adianta preencher o quadro de conteúdos, enquanto os mesmos não apresentam sentidos.

No cotidiano da sala de aula, permanecem impregnadas nas práticas pedagógicas a ideia inadequada de que apenas o educador tem a detenção do saber. E, enquanto isso os educandos devem permanecer em silêncio, acarretando uma aula monótona. Assim, eles não

têm interesse em contribuir ativamente para o processo de escolarização.

Nesse sentido, Freire (2014) afirma que o diálogo deve ser contemplado na relação uns com os outros, e a humildade assume um papel essencial nesse propósito, possibilitando múltiplas trocas de saberes. A educação necessita da participação de todos, porque não adianta querer uma educação de qualidade se não percebermos o que isso significa para o outro.

Devemos nos questionar: como posso tornar minha aula mais dinâmica? Como trazer melhorias que possibilitem a aprendizagem de forma espontânea? Então, perceberemos que a interação é uma das formas de possibilitar aos educandos o despertar do interesse em aprender.

Metodologia

Neste artigo utilizamos a pesquisa bibliográfica para apontar reflexões que discutam a temática apresentada. Dessa forma, foi possível compreendermos as percepções já estabelecidas por autores que contribuíram com pesquisas relevantes em torno da participação dos educandos no âmbito escolar, inclusive percebendo a sala de aula como espaço de diálogo, ação e reflexão.

Também utilizamos a pesquisa de campo para uma melhor compreensão da temática, pois ao utilizarmos o questionário ou entrevista percebemos de forma nítida a realidade nas vivências das pessoas, identificando na prática problematizações que são evidenciadas na teoria e que merecem reflexões, pois abrangem a realidade educacional, fazendo-nos perceber que a prática é dinâmica, possui uma teoria adaptada às condições reais.

O instrumento para a coleta de dados foi um questionário com perguntas objetivas para verificar e analisar as necessidades e relevâncias que norteiam o ensino de língua portuguesa e a participação dos educandos, dessa forma compreendemos a partir do olhar dos educandos a percepção sobre a necessidade de envolvimento nas questões do processo de escolarização.

Resultados e Discussão

O questionário aplicado possui 04 questões abertas, foram escolhidos 04 estudantes para analisar a prática do professor de língua portuguesa na sala de aula. Procuramos ressaltar pontos fundamentais para a elaboração das questões, verificando os processos de leitura, a participação dos educandos, o método de ensino do professor (a) e

quais mudanças gostariam que houvessem na prática de ensino. As respostas foram fielmente transcritas de acordo com os escritos dos educandos.

1. Durante as aulas de língua portuguesa você tem momentos de leitura? Justifique.
A- Sim! Por que é preciso ler para desenvolver o português.
B- Sim. São momentos de interagir com os colegas e professores descobri as novas regras gramaticais.
C- 😊 (Imagem desenhada por aluno como resposta)
D- Sim, o que seria a língua portuguesa sem a leitura

Nessas respostas podemos perceber os posicionamentos dos educandos referentes à importância da leitura em sala de aula, assim nas respostas de A e D são nítidas a preocupação em relação à “leitura”. Em seus dizeres fica óbvio a associação da leitura com o livro didático, além dessas perspectivas eles também expressam a importância da leitura na sala de aula. Nas respostas de C e B, em particular do aluno B observamos duas suposições em sua colocação: a primeira quando afirma que a leitura é um momento de interação com os colegas e os professores, em seguida ele diz “descobri as novas regras gramaticais.” Ele faz a relação da leitura em sala de aula com o ensino de gramática e assim percebemos que não apenas abrange ao aprendizado de gramática mas vai além das regras gramaticais, propondo ao aluno a reflexão e a humanização e por consequência um domínio gramatical, nesse sentido Freire (2014, p. 86) enfatiza que “Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos.”

Já o aluno C responde a questão com o desenho de *emoticons*. Diante disso, percebe-se que o ensino, em particular da leitura, encontra-se fragilizado, pois o mesmo se limitou a não responder a questão de acordo com o gênero textual específico. É interessante perceber como “a carinha” representando um texto não – verbal deixou algumas incógnitas, como por exemplo: se o aluno de fato não teve o interesse em responder ou quis colocar um ponto final na questão. Diante dessas realidades é perceptível observar que o ensino de leitura está distante das práticas sociais dos educandos, no entanto, não

podemos afirmar que o professor é responsável por essa situação, pois são diversos fatores que contribuem para a precariedade no ensino da língua.

2. Você participa das aulas de português? Comente.
A- Sim! Para aprender mais.
B- Sim. buscando livros de Português atualizado pra me ajudar cada vez mais a Língua Portuguesa levando a sala de aula para casa a leitura.
C- positivo
D- Sim, uma das matéria que eu mas gosto.

Podemos verificar que a participação nas aulas de português têm um objetivo na resposta da aluna A “Para aprender mais.”, ou seja, a aluna considera a participação, como por exemplo: tirar dúvidas. Mas nesse contexto participar faz referência à perspectiva dialógica e interacional para que todos os envolvidos possam construir os saberes. Na resposta do aluno B observa-se a preocupação a respeito da busca por livros de português atualizados para ajudá-lo na compreensão da língua. Com isso percebemos a necessidade de ter aulas de português que façam links de ensino da gramática, leitura, produção textual e realidade social. Conforme Antunes (2009) a questão maior não é *ensinar ou não gramática* [...] A questão maior é discernir sobre “*o objeto de ensino: as regras (mais precisamente: as regularidades)* de como se usa a língua nos mais variados gêneros de textos orais e escritos.” (grifos da autora).

O aluno C responde com uma única palavra “positivo”, afirmando que participa. Em sua resposta sentimos falta de um comentário mais abrangente. No entanto, em seus dizeres podemos observar o quanto o ensino de língua portuguesa é fundamental para a formação do cidadão e também para que o mesmo expresse seu posicionamento através da escrita. Na resposta do aluno D, verifica-se a equivalência que ele faz entre participação e preferência pela matéria, evidenciando que as ideias referentes a participação ainda não estão definidas.

3. Você gosta do método de ensino do (a) professor (a) de português? Justifique.

A- Por que só tive uma aula com ela.

B- Sim: O modo como ela nós interaja durante as aulas fazendo um conhecimento de Português mais fácil e prático no ensino com explicações claras.

C- não sei

D- Sim, por que ela ensina Muito bem

Observa-se que o aluno A não apresenta assiduidade nas aulas de português ou iniciou recentemente com a turma, impossibilitando-o de responder a questão. O aluno B responde que o (a) professor (a) interage com o propósito de “(...) fazendo um conhecimento de português mais fácil e prático no ensino (...)” em sua colocação fica claro o preconceito linguístico impregnado em sua resposta quando ele afirma que a língua portuguesa é uma língua difícil e precisa de algo mais prático para compreender as regras, as exceções e tudo que abrange a disciplina. Marcos Bagno (2002) em seu livro intitulado “*Preconceito Linguístico*” sobre os mitos que norteiam a língua portuguesa, afirma que “Todo falante nativo de uma língua *sabe* essa língua. Saber uma língua, no sentido científico do verbo *saber*, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.”

O aluno C não se coloca diante da situação ao qual foi questionado, deixando de lado um momento ímpar para refletir sobre o método de ensino que faz parte da sua formação. Já o aluno D afirma que gosta do método e o (a) professor (a) corresponde às suas expectativas.

4. Se houvesse mudanças na metodologia de ensino das aulas de português que mudanças você gostaria de acrescentar?

A- Que utiliza-se mais conteúdos que posamos usar no futuro tipo concursos e enem.

B- Gostaria de acrescentar mais redação, mais aulas de ética e cidadania, como se comportar diante de entrevistas, e mais conhecimentos da nossa língua portuguesa.

C- nenuha

D- Poderiam botas mais leitura nas aulas e professores mais enteresado a ensinar.

Na resposta do aluno A, percebemos que o ensino de língua portuguesa e o conteúdo programado ainda encontram-se em estado de carência, pois o espaço de tempo é insuficiente para preparação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e concursos públicos. No entanto, o professor deve analisar sua metodologia e ressignificar sua prática docente.

O aluno B expõe em sua resposta que gostaria de acrescentar e intensificar o que já existe, como os momentos dedicados à produção textual, em particular a redação, para obter um resultado satisfatório no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). E, também aponta a seguinte necessidade nas aulas de língua portuguesa: o ensino voltado para os gêneros da oralidade, como as entrevistas e temáticas que envolvam conceitos de ética e cidadania. A proposta do aluno ratifica o que Antunes (2009) propõe para professores no processo de ensino de língua, ou seja, que eles a vejam como uma atividade funcional, vinculada ao espaço físico e cultural em que vivem seus usuários. Antunes (2009, p.35) afirma que “As línguas estão a serviço das pessoas, de seus propósitos interativos reais”, dessa forma não podem ser desvinculadas da cultura e identidade do povo. Para a autora é necessário no processo de ensino de língua o entrosamento entre língua e cidadania, assim implica a relação direta entre escola e sociedade.

No entanto, percebemos que o ensino de português está com lacunas que precisam de uma vasta análise para chegar ao fio condutor desse processo de ensino que vai além das salas de aulas, inicia-se na formação do professor, no papel do aluno, na ressignificação da prática docente, e o perfil de pesquisador que o professor deve ter em sua carreira docente. Já o aluno C sente-se satisfeito com a metodologia estabelecida pelo (a) professor (a).

O aluno D aborda os momentos de leitura que deveriam ser mais frequentes nas aulas e enfatiza a necessidade de professores (que inclui as disciplinas em geral) comprometidos com o ensino. Outro fator interessante é a responsabilidade que o professor assume e o quanto torna-se importante na construção de degraus para a realização dos sonhos de cada aluno.

As salas de aula são espaços em que os conhecimentos devem ser ampliados através

da interação. Diante disso, surgem profundas reflexões sobre o ensino. De acordo com Antunes (2009, p.34)

A pesquisa acerca do que se faz nas aulas de línguas - embora aqui nos detenhamos mais nas aulas de português - tem revelado que ainda prevalece (salvo algumas exceções) uma concepção de língua demasiado estática (sem mudanças), demasiado simplificada e reduzida (sem indefinições, sem imprevisibilidades), descontextualizada (sem interlocutores, sem intenções) e, portanto, falseada.

Nesse sentido, percebemos que as aulas de português assumem um caráter de formação cidadã, no entanto presenciamos uma realidade que não condiz com o real propósito da educação, tornando as aulas descontextualizadas e pouco contribuindo na construção de um pensamento crítico, inclusive com as leituras realizadas, pois antes de pensarmos no incentivo a leitura durante as aulas de português, devemos primeiramente repensar estratégias para contemplar as multiplicidades que a sala de aula possui.

A leitura na escola deve ser realizada de forma prazerosa e o professor deve conduzir meios para alcançar os objetivos, numa perspectiva dialógica, buscando desenvolver discussões e atividades. O espaço de leitura na sala de aula deve ser estruturado para que o educando leia com prazer, e cabe aos professores das disciplinas criar estratégias de leitura. De acordo com Antunes (2009) é dever da escola e do professor de qualquer disciplina desenvolver o hábito de leitura com os educandos, pois é imprescindível para o professor e o educando a troca de experiências e o desenvolvimento de suas competências e habilidades.

A princípio é necessário desconstruirmos o paradigma de atividades com a finalidade apenas de pontuação, pois geralmente os educandos ficam preocupados com a nota que será obtida e não com o processo de aprendizagem. Assim, é fundamental despertarmos o gosto pela leitura de forma sutil, sem pontuação, mas com o objetivo de contribuir na formação de um leitor crítico e sensível. É essencial considerarmos a subjetividade de cada educando, pois a leitura possibilita diversas interpretações, e como a sala de aula é um lugar heterogêneo as multiplicidades de opiniões serão apresentadas e o educador deve incentivar as discussões, enriquecendo o debate. Nos dizeres de Antunes (2009) a escola não deve estar sozinha no desenvolvimento da leitura, mas sim envolver a família nesse processo fundamental para o educando promover a escrita.

O ensino de língua portuguesa faz parte da vida dos educandos, no entanto o ensino em sala de aula se apresenta de forma distanciada da realidade vivenciada, pois os educadores em suas metodologias desconsideram os conhecimentos prévios

dos educandos. De fato há uma série de lacunas sobre o ensino nas aulas de português que precisam ser revistos e analisados, como o fato do educador não viabilizar estratégias na sala de aula, dessa forma cabe aos educadores repensarem as práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa.

Geralmente, nos deparamos na sala de aula com desmotivação por parte dos educandos e educadores. A aula é considerada monótona pelos educandos, já os educadores alegam que os adolescentes de hoje não querem nada com a vida, e frequentam as aulas apenas por obrigação. Então, podemos refletir: como mudar essa realidade que apenas contribui para intensificar o fracasso escolar? Inovação, como já dizia Rubem Alves “O educador deve ocasionar surpresas”, de fato estamos necessitados de mudanças nas metodologias que se restringem a cópia e ensino da gramática.

Percebemos na organização da sala de aula as cadeiras enfileiradas, remetendo a uma perspectiva tradicional de educação, impossibilitando o diálogo, pois como afirma Freire (2014) o diálogo acontece entre iguais, havendo humildade, pois não há saber mais ou saber menos, no entanto há saberes diferentes. Organizar as cadeiras em círculo é uma opção para incentivar a discussão, pois permite o diálogo entre iguais, inclusive o educador deve se enquadrar nesse meio, pois este não é o detentor do saber, é apenas o mediador para a construção do conhecimento.

O contato com livros é imprescindível, pois é lendo que os educandos descobrem se gostam mais de poesias ou narrativas. E por que não proporcionar uma aula diferenciada? Quem disse que aula se restringe a sala de aula? A biblioteca é um espaço que deve ser frequentado, o educador deve incentivar a utilização dos livros que ficam nesse espaço tão vasto. Poderíamos nos perguntar: a leitura é fonte de (re) descoberta de conhecer a si e o outro, e por que ainda não temos leitores assíduos? Podemos indagar sobre: o método de ensino dos professores das séries iniciais que não desenvolveram a leitura; o aluno não cumpre seu papel enquanto leitor; a família não incentiva o hábito de leitura; o professor não é um bom leitor. Diante das possíveis realidades expostas acima podemos considerar que o incentivo a leitura é um papel que todos os envolvidos devem exercer no seu cotidiano.

As leituras devem ser realizadas de várias formas, quando se trabalha com poemas, por exemplo, porque não fazer um jogral? Em que o trabalho em equipe é valorizado e as leituras são exploradas das mais diversas formas. Solicitar a criação de poemas é uma alternativa para despertar a criatividade, pois raramente são realizadas atividades para que os educandos produzam, a escola já está repleta de cópias, é

necessário criar. E, também abordar a prática de gêneros orais em sala de aula: como debate, entrevista e entre outros, tornando um espaço diversificado de leituras.

O ensino de língua portuguesa não pode ser construído na sala de aula distante da realidade social, histórica e cultural da sociedade. Dessa forma, o professor precisa refletir sobre sua prática sobre o uso do livro didático em sala de aula. Conforme Sousa (2002, p.45) “... a professora acaba endeusando o livro didático e subestimando o seu conhecimento.” Nessa realidade, o professor se acomoda com o uso do livro didático nas aulas e quase não perpassa as páginas do livro para novas possibilidades de ensino e aprendizagem.

As interações estabelecidas em sala de aula também interferem na aprendizagem, pois o ano letivo é extenso, e possibilitar um ambiente harmonioso é essencial. De acordo com Sousa (2002, p.51) “No campo das utopias necessárias, o discurso de sala de aula deveria se transformar realmente em um discurso de autoridade, não da autoridade instituída, mas da autoridade constituída pelas suas qualidades intelectuais.” Desse modo, as relações estabelecidas entre educando e educador nesse domínio discursivo devem ser direcionadas a caminhos que possibilitem a flexibilidade e dialogicidade.

Conclusões

A pesquisa realizada propôs um olhar acerca do posicionamento dos educandos sobre os processos de ensino e aprendizagem e sobre a dinâmica existente na sala de aula, provocando reflexões sobre as possibilidades de interagir em sala. Sabemos que não é algo fácil, mas diante desse contexto podemos verificar o papel de cada um nesse processo interacional, ou seja, o compromisso que cada um deve ter no processo de escolarização. É de suma importância a metodologia pelo qual o professor utiliza para traçar caminhos durante as aulas, buscando mecanismos que se façam necessários para tentar suprir as imprevisibilidades.

O educador de Língua Portuguesa não está em sala de aula apenas para ensinar aos educandos como escrever corretamente ou como identificar palavras oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas. O conhecimento que deve ser possibilitado na sala de aula transpõe as regras gramaticais, vai além de saber colocar a vírgula de forma adequada. O saber que deve ser semeado é o de perceber que somos capazes de aprender, de elaborar e construir o próprio conhecimento, argumentar e se posicionar sobre os mais diversos assuntos.

É essencial propor desafios para que os educandos percebam que aprender envolve empenho e comprometimento, todos podem aprender, antes de

tudo é necessário acreditar que é possível, além disso, é fundamental demonstrarmos que não apenas os educandos aprendem, sobretudo o professor também adquire aprendizados na interação estabelecida em sala de aula.

Assim, percebemos o quanto é fundamental a interação entre alunos e professores no ensino e as dinâmicas realizadas em sala de aula para tentar contornar a realidade que vivenciam na escola.

Diante da aplicação do questionário, foi perceptível nas respostas dos educandos o descontentamento com a metodologia do educador, inclusive à vontade de ter acesso a conteúdos diferentes, e também de estarem a espera de algo que fizesse relação com suas expectativas. A temática abordada proporciona uma autorreflexão da prática docente e como essa relação se dá com os educandos e o ensino de língua portuguesa. Assim, podemos perceber que o caminho a percorrer proporciona inúmeros desafios diante do compromisso em estar em sala de aula, criando e recriando possibilidades de ensino e aprendizagem para tentar atingir o objetivo. O professor tem que ir além das páginas do livro didático para que possa utilizar ferramentas metodológicas no ensino e aprendizagem, promovendo uma relação dialógica com os alunos.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 42. ed. Loyola. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 56 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. **As surpresas do previsível no discurso de sala de aula**. João Pessoa: autor associado. Editora Universitária UFPB, 2002.

Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/07/portal-brasil-resgata-entrevista-com-rubem-alves>> acesso em: 20 março 2017